



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

QUESTÕES DE GÊNERO NA CRÔNICA “CASAMENTO ABERTO” DE MARTHA MEDEIROS

Vanessa Ohanna Ferreira Brandão

Universidade Federal de Campina Grande – hanninha2@hotmail.com

RESUMO

Este artigo vem mostrar como a concepção de casamento está presente na crônica “Casamento Aberto”, de Martha Medeiros, sob uma perspectiva feminista. Pretende-se, na atual pesquisa, discutir como essa nova configuração se encontra vigente em nossos dias e na crônica em questão. O mesmo baseou-se pelos conceitos de tipos de casamento (FIGUEIRA, 2008), discursos (SÁ, 2011), e universo feminino (MEDEIROS, 2008), entre outros, aliado aos estudos literários, nesse caso, do gênero crônica, por ser uma narrativa múltipla que aborda temas da atualidade. Assim, problematizando as práticas e representações de gênero e diversidade sexual quando promove uma discussão de questões sociais. O comportamento humano vem se modificando, e em pleno século XXI esses conceitos e tradições também foram modificados. Como metodologia adotada, realizamos um estudo analítico da crônica “Casamento Aberto”, do livro *Doidas e Santas* (2008), de Martha Medeiros, na qual perpassa todo o percurso histórico-social existente desde os tempos remotos até a contemporaneidade, refletindo diretamente na crônica em destaque, em que propõe uma nova forma de se relacionar, nas diversas neuroses da vida adulta. Logo, a conclusão é de que é possível o estabelecimento desse tipo de casamento, desde que os envolvidos nesse processo conjugal estejam submersos e de acordo, tendo a liberdade e o direito de escolher, significando um ato simbólico não só para as mulheres, mas também ao universo masculino.

Palavras-chaves: Crônica, Casamento aberto, Liberdade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem natureza reflexiva e analisa a crônica “Casamento aberto”, de autoria da escritora contemporânea Martha Medeiros, presente no livro *Doidas e Santas* (2008). Nosso objetivo é analisar essa nova concepção de casamento que está presente na crônica, sob uma perspectiva feminista. E de forma específica, reavaliar a importância dada ao casamento tradicional na vida das mulheres; e buscar construir uma opinião a respeito do assunto.

Por se tratar de estudos em constante processo de evolução, e a instituição social do casamento está presente na sociedade desde os tempos das sagradas escrituras, ela é estabelecida segundo ideologias e princípios morais e éticos de acordo com o que cada indivíduo num dado



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contexto sócio-histórico acredita e julga ser adequado e coerente ao seu modo de viver. É uma importante fase em uma relação entre casais, assim como uma parte acredita nessa ideia estabelecida, outros acreditam que não passa de uma mera “convenção” imposta e criada pela sociedade.

Vemos a necessidade então de uma reflexão mais detalhada que vise desconstruir discursos e rótulos proferidos que envolvem a mulher, e as suas tentativas de transformar essa cultura e construir novas formas dessa relação humana.

E é assim que o casamento adentra o universo feminino, existem mulheres tradicionais, que têm uma visão bem utópica e idealizadora de como estarão inseridas em um “casamento perfeito e feliz”, sendo construído todo um modo de se viver, que caso venha ser diferente, é “inadequado” e “marginalizado” pela sociedade. E há as que chamaremos aqui de mulheres inovadoras, que possuem um modo de pensar distinto, com o seu tom bastante particular e criativo, o vêem como maneira mais liberal de se constituir um lar e uma família, sendo “livres” de certos costumes e regras rígidas que foram criadas, mas isso não quer dizer que apesar de concordarem “parcialmente”, e não totalmente com as mulheres tradicionais, deixem de lado certos valores e normas, desse marco nas suas vidas afetivas.

Então, baseada em experiências diversas sobre o casamento, é que a cronista Martha Medeiros, escreve a crônica de análise, datada do dia 16 de outubro de 2005, enquanto texto literário que é, apresenta quanto a sua estrutura composicional, um tipo de crônica mais argumentativa, com uma defesa de opinião, ou seja, um ponto de vista bastante expressivo, para ser questionado por ser tão polêmico para a vida feminina e a sociedade em que ela está inserida.

A crônica argumentativa consiste em um tipo mais moderno de crônica, no qual expressa o seu ponto de vista em relação a uma problemática da sociedade. Neste caso específico, a ironia e o sarcasmo são frequentemente usados como instrumento para transmitir uma opinião e abordar um determinado assunto.

Aliado a essa denominação, temos um estilo peculiar e imbricado por uma linguagem típica desse gênero que é simples e direta, observamos que assim temos nessa narrativa, um tom suave,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mas com uma forte argumentação, que junto com a temática, constitui enquanto o todo do gênero literário.

Em relação à temática, que é, num sentido mais amplo, o Amor, esse sentimento presente na existência humana, capaz de provocar no mais íntimo dos seres algo tão profundo e grandioso, causando nas relações sociais suas alegrias e decepções; e mais especificadamente, o casamento, observa-se que perpassa ao longo do tempo, pois é dentre os dilemas da vida cotidiana, um fato importante do mundo dos adultos.

Aliás, aliada a essa concepção de casamento, vamos analisar de uma perspectiva feminista, que muito tem a nos contribuir, pois fala de um cotidiano feminino, que possui toda uma ótica de gestos, falas, atitudes, ideias, comportamentos, etc; distintos do que é muitas vezes, em que é visto de um olhar masculino errôneo e preconceituoso.

O Casamento é tido como um compromisso sério, assumido entre homens e mulheres, existindo independentemente de raça, credo, costumes, hábitos, localidade, idade, entre outros, desse sujeito que acredita e almeja a tão sonhada felicidade própria, e que encontra nos laços conjugais a obtenção do seu sucesso. Nessa busca de realização desse importante momento, que se torna um fenômeno na vida de todos que culminam desse episódio, logo é realizado essa “tradição” pela união de duas pessoas, e pode seguir os moldes tradicionais ou inovadores. Nas palavras a seguir, vemos como é o conceito de casamento e sua etimologia:

A verdade é só uma. Após a fase de namoro, paixão, amor e noivado, todos almejamos o casamento (ou matrimônio), frequentemente iniciado pela celebração de uma boda, que pode ser oficiada por um ministro religioso (padre, rabino, pastor, etc.), por um oficial do registro civil (normalmente juiz de casamentos) ou por um indivíduo que goza da confiança das duas pessoas que pretendem se unirem. Cria-se um vínculo estabelecido entre duas pessoas de sexos diferentes. As pessoas casam-se por várias razões, mas normalmente o faz para dar visibilidade à sua relação afetiva, para buscar estabilidade econômica e social, para formar família, procriar e educar seus filhos e legitimar o relacionamento sexual. Na etimologia a palavra casamento é derivada de “casa”, enquanto que matrimônio tem origem no radical mater (“mãe”) seguindo o mesmo modelo lexical de “patrimônio”. (FIGUEIRA, 2008)

Pelo que foi dito acima, esse conceito estabelecido, serve para a maioria das pessoas, mas como se sabe, para toda regra existem exceções, e nesse caso, não é diferente, ou seja, há exceções,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e que não são “todos” como se abordou. Pois, nem todo mundo quer casar, e almeja essa instituição social em suas vidas, sendo livres das “convenções”.

E ainda, as diversas expressões que a sociedade determina ser um tipo de casamento:

Ao longo da história, a sociedade criou expressões para classificar os diversos tipos de relações matrimoniais existentes, sendo as mais comuns: casamento aberto ou liberal (em que é permitido aos cônjuges ter outros parceiros sexuais por consentimento mútuo); casamento branco ou celibatário (sem relações sexuais); casamento arranjado (celebrado antes do envolvimento afetivo dos contraentes e normalmente combinado por terceiros, pais, irmãos, chefe do clã, etc.); casamento civil (celebrado sob os princípios da legislação vigente em determinado Estado - nacional ou subnacional); casamento misto (entre pessoas de distinta origem - racial, religiosa, étnica, etc.); casamento morganático (entre duas pessoas de estratos sociais diferentes no qual o cônjuge de posição considerada inferior não recebe os direitos normalmente atribuídos por lei - exemplo, entre um membro de uma casa real e uma mulher da baixa nobreza); casamento nuncupativo (realizado oralmente e sem as formalidades de praxe); casamento putativo (contraído de boa-fé, mas passível de anulação por motivos legais); casamento religioso (celebrado perante uma autoridade religiosa); casamento poligâmico (realizado entre um homem e várias mulheres); casamento homossexual ou casamento gay (realizado entre duas pessoas do mesmo sexo) e casamento de conveniência (que é realizado primariamente por motivos econômicos ou sociais). (FIGUEIRA, 2008, s/p)

Existem diversos tipos de casamentos, eles determinam como o casal prefere celebrar esse momento de partilha e entrega, e assim formalizar e legalizar esse rito de passagem na vida de ambos. Isso servirá para contrapor o outro tipo de casamento que não é “convencional”, ou seja, “aberto” como nos argumenta o texto em estudo.

Realizando um rápido percurso histórico, estabelecida como uma instituição social desde os tempos mais antigos de nossa humanidade, o casamento, de acordo com a Bíblia: “E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gênesis 2:23-24). Ou seja, o casamento como uma representação da “unidade” entre Deus, Homem e Mulher. E assim, a mulher é parte divina do matrimônio, e cria laços conjugais perante Deus.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O tempo passa, e essa união é estabelecida antigamente do seu modo, como o dia a dia feminino era comum e banal, com o papel de exercer somente os afazeres domésticos e cuidar do marido, tinha que ser a “rainha do lar”. Começava quando a mulher se interessava pelo pretendente ou tinha seu casamento arranjado pela família, ela era preparada para isso, temos então as mulheres tradicionais, pois eram “dedicadas”, a fim de garantir a felicidade do que haviam sonhado.

Portanto, existiam duas máximas vigentes, a primeira que: A mulher era feita para o lar, depois de casada, tinha a responsabilidade do marido e filhos, ou seja, ela era “submissa” e totalmente “dependente” do homem. E a segunda que: A mulher que tinha medo de se separar, pois era “marginalizada” e “difamada” pela sociedade, que não aceitava o divórcio. Enfim, o casamento seguia concepções muito tradicionais, tanto nos rituais quanto no procedimento de sua realização.

Segundo Coelho (2002, p.376):

O casamento indissolúvel – conforme existe ainda em alguns países – tem de cair, porque a evolução, embora lenta, embora gaste séculos na sua ação ao mesmo tempo demolidora e reconstrutora, é fatal; e esta transformação tem de dar-se, mais dia menos dia, com todas as instituições antigas – cujo prestígio recua à medida que os progressos científicos e sociais avançam.

O processo sócio histórico está se transformando, e, portanto certas ideias estabelecidas antigamente, devem ser alteradas, como o casamento, para que elas consigam acompanhar e progredir junto com os avanços científicos e sociais do século XXI.

Toda essa explicação é necessária, pois permite que a crônica “Casamento aberto”, seja mais bem discutida e analisada, vindo a quebrar certos paradigmas e rituais rígidos, que sofreram transformações ao se explicar a ideia do matrimônio, logo mais a seguir.

“Casamento aberto”: reavaliar a importância dada ao casamento tradicional na vida das mulheres

No início da narrativa, se está atento ao título, que apresenta uma nova forma de concepção do que vem a ser o casamento. Como sendo outro tipo de se casar, denominado de “Casamento aberto”, como vimos nas palavras de FIGUEIRA (2008): “casamento aberto ou liberal (em que é permitido aos cônjuges ter outros parceiros sexuais por consentimento mútuo)”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Temos um título bastante sugestivo, instigante, questionável, de propostas, levando com isso o leitor de nossa crônica, passa a (re) pensar a nova concepção, da modernidade, sobre o matrimônio, que é essa “liberdade”, conseqüentemente sendo “livres” e a mulher passa a exercer outros papéis, além de esposa, mãe e dona do lar, ela revela ser mais “autônoma e revolucionária”, o que é bastante coerente nesse tipo de relação, e que muitas vezes é julgada pela sociedade machista, em que só é reservada aos homens a liberdade de ter diversas parceiras sexuais, sem sofrerem qualquer tipo de preconceito, e ainda levam a fama de “bons”.

A crônica tem início com a intertextualidade, ou seja, há uma referência de um texto em outro. Como já sabemos que esse gênero parte das seções de jornais, de assuntos banais e cotidianos do dia a dia, ele faz uma referência explícita com outro texto nela, que neste caso, é uma notícia, sobre o fato da viúva do ex-presidente francês François Mitterrand, Danielle Mitterrand, ter permitido que a amante e a filha que ele teve fora do casamento comparecessem ao seu funeral. No fragmento:

Andou circulando pela internet um texto creditado a Danielle Mitterrand, viúva do ex-presidente francês François Mitterrand. Pelo teor, acredito que seja mesmo de sua autoria. Quando permitiu que a amante e a filha que ele teve fora do casamento comparecessem aos funerais. (MEDEIROS, 2008, p.13).

Podemos observar claramente essa intertextualidade, como a partir da carta, feita pela viúva, a cronista constrói sua reflexão. Como no fragmento abaixo:

Danielle comprou uma briga com a ala mais conservadora da sociedade francesa. Agora está se defendendo com uma reflexão que serve para todos nós. (MEDEIROS, 2008, p.13).

Nota-se que temos a ideia clara de um casamento aberto ou liberal, por Danielle defender essa concepção do casamento, de “ruptura” dos rituais e regimes autoritários, porque a partir do momento que ela demonstra como uma mulher que não liga para esse sistema fechado, e torna através dos seus atos e palavras essa “aceitação” do fato de amante e filha do seu marido, um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

acontecimento “normal”, e acaba causando uma briga por ser contra esse conservadorismo da sociedade francesa.

Outro aspecto além da intertextualidade é o fato da mesma por meio de sua defesa, se utilizar como processo de construção positiva: a escrita feminina, em que por meio de suas palavras provoca uma reflexão para todos os leitores, servindo de suporte para melhor entendermos os dilemas da vida adulta. Como observamos na carta, de autoria de Danielle Mitterrand, adiante:

[...] Uma relação a dois não deve ser apaziguada, mas vibrante, apaixonada, e não enfasiada. Nessa complexidade vi que meu marido era tão meu amante quando da política. Vi, também, que como um homem sensível poderia se enamorar, se encantar com outras pessoas, sem deixar de me amar. Achar que somos feitos para um único e fiel amor é hipocrisia, conformismo. É preciso admitir docemente que um ser humano é capaz de amar apaixonadamente alguém e depois, com o passar dos anos, amar de forma diferente. Não somos o centro amável do mundo do outro. É preciso aceitar, também, outros amores que passam a fazer parte desse amor como mais uma gota d'água que se incorpora ao nosso lado. Aceitei a filha de meu marido e hoje recebo mensagens do mundo inteiro de filhos angustiados que me dizem “Obrigado por ter aberto um caminho. Meu pai vai morrer, mas eu não poderia ir ao enterro porque a mulher dele não aceitava”. É preciso viver sem mesquinhez, sem um sentido pequeno, lamacento, comum aos moralistas, aos caluniadores e aos paranóicos azedos que teimam em sujar tudo. Espero que as pessoas sejam generosas e amplas para compreender e amar seus parceiros em suas dúvidas, fragilidades, divisões e pequenas paixões. Isso é amar por inteiro e ter confiança em si mesmo. (disponível em:http://www.artefatocultural.com.br/portal/index.php?secao=materia_completa&subsecao=17&id_noticia=103)

Já no segundo momento da narrativa, a cronista vai abordar como o casamento tradicional, está perdendo sua credibilidade perante a sociedade, não importando se é famoso ou não, o que acaba levando a prática do divórcio cada vez mais crescente e diário, o que faz com essa instituição, seja “desacreditada”, principalmente pelas mulheres que idealizam a paixão, o amor, felicidade, etc.

No excerto abaixo, atenta-se para um novo olhar para as relações conjugais que não é, mas tanto como antigamente, acaba tendo uma carga negativa da construção dessa fase humana, em que a “maioria” não se realiza ou acaba por pouco tempo e a “minoridade” que dura um certo tempo, já é considerada um “recorde”, ela usa de ironia, para explicar esse recorde, que está presente também



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

no Guinness (livro de todos os recordes mundiais), e deve se questionar até que ponto o amor permanece diante das dificuldades do dia a dia, ou é mais fácil, o caminho da separação.

É sabido que a instituição casamento vem se descredibilizando com o passar do tempo. Hoje, uma relação que dura vinte anos já é candidata a entrar para o Guinness. (MEDEIROS, 2008, p.13).

Esse casamento “sólido” se desfaz, e passa a ser visto como uma aposta, em que é “tudo ou nada” para o casal, e que rapidamente irá se acabar. Temos então para homens e as mulheres um abismo incerto, dessa configuração antiga e tradicional.

Encontramos no fragmento a seguir, como a intertextualidade está novamente presente na crônica, agora com os clássicos das histórias infantis, contadas para as meninas, quando pequenas. Em que a expressão “felizes para sempre” se torna uma verdadeira “utopia”, em que não existe na realidade para muitos casais.

Todo mundo quer casar, adora a ideia, mas poucos ainda acreditam no felizes para sempre, e não porque sejam cínicos (MEDEIROS, 2008, p.13).

O casamento sendo um “contrato”, “exclusividade”, “vitalícia”, nos moldes tradicionais, e se não houver uma reforma nessa concepção, essas ideias são inválidas e ultrapassadas para a mulher contemporânea, que objetiva exatamente o inverso.

mas porque conhecem bem o contrato que estão assinando: com exigência de exclusividade vitalícia, ou seja, ninguém entra, ninguém sai. (MEDEIROS, 2008, p.13).

No terceiro momento, temos o casamento como “contrato”, ou seja, uma relação de dominação, em ser “dono (a)” de alguém, tem nessa parte, uma Motivação do leitor, sobre uma dúvida constante que perpassa nessa instituição, temos a expressão “cláusulas”, que marca um efeito de sentido “negativo”, “preso” e “formal”; de “legalidade”. A cronista nos faz um questionamento, como podemos observar nesse trecho:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O casamento vai acabar? Nunca, mas vai continuar a fazer muita gente sofrer se não entrarem cláusulas novas nesse contrato e se as cabeças não se arejarem (MEDEIROS, 2008.p.13-14)

Assim, a expressão “nunca” em resposta ao questionamento feito, indica uma negação a esse fato do cotidiano, levando não ao desaparecimento dessa instituição, mas sim uma nova concepção na vida das pessoas, e outras duas expressões do trecho marcantes e que nos chamam a atenção, é que por mais que o casamento tenha mudado nos últimos tempos, passando a ser pautado em normas do matrimônio mais flexíveis, menos tradicionais e com mais ideias libertadoras, em que deixa de ser um contrato fechado, de regras e imposições e passa a ser de “cláusulas novas” e “arejarem”, ou seja, um típico casamento aberto, logo a liberdade prevalece, e não o sofrimento.

Na busca dessas mudanças, temos na crônica a presença de Discursos, segundo SÁ (2011 *apud* FOUCAULT,2009, p.17): “o discurso não é simples-mente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas, aquilo por que, pelo que se luta, o poder no qual nos queremos apoderar”. Tem se ainda uma contextualização de discurso apresentada por SÁ (2011, p.17): “Os discursos, ao construírem os objetos de que falam participam da construção do real”.

Nessas ideias do discurso, defendidas por Sá e Foucault, vemos claramente na narrativa um novo discurso feminino, em que as mulheres passam a defender ideologicamente que “o amor e o casamento” não deve ser o mesmo, ou seja, “acomodamento” e sim “uma escolha de vida mais leve e simples”, que acreditamos ser o mais adequado e coerente nessa nova configuração da atualidade. Como ela diz: “Achar que somos feitos para um único e fiel amor é hipocrisia, conformismo”, ou ainda, “amar de forma diferente”.

Na crônica temos ainda uma citação de uma importante feminista, Simone de Beauvoir, nesse fragmento do texto: “Temos amores necessários e amores contingentes ao longo da vida” (MEDEIROS, 2008, p.14). Seja nas palavras da viúva ou da feminista, temos um pensamento similar, a essa nova forma de se amar, que reflete diretamente no cotidiano da mulher e como deve se comportar perante a realidade que está inserida, de que existem relações indispensáveis e outros incertos. Independentemente de a mulher tê-las sendo sólidas ou casuais, mas que não devem ser julgadas por ninguém, dando o direito de sermos livres.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Chegando ao quarto momento da crônica, temos uma “proposta”, ou seja, propõe um “novo” tipo de casamento, justamente o casamento aberto. Observamos agora o posicionamento argumentativo de nossa escritora mostrando que como todo relacionamento, existe o lado bom e o ruim. E isso não seria diferente nesse tipo, como analisado esse fragmento:

Estamos falando de casamento aberto, sim, mas não desse casamento escancarado e vulgar, em que todos se expõem, se machucam e acabam ainda mais frustrados. Casamento aberto é outra coisa, e pode inclusive ser monogâmico e muito feliz. A abertura é mental, não precisa ser sexual. É entender que com possessão não se chegará muito longe. É amar o outro as suas fragilidades e incertezas. É aceitar que uma união é para trazer alegria e cumplicidade, e não sufocamento e repressão. É ter noção de que a cada idade estamos um pouquinho transformados, com anseios e expectativas bem diferentes dos que tínhamos quando casamos, e quem nos ama de verdade vai procurar entender isso, e não lutar contra. Sendo aberto nesse sentido, o casal construirá uma relação que seja plena e feliz para eles mesmos, e não para a torcida. E o que eles sofrerem, aceitarem, negociarem ou rejeitarem terá como único intento o crescimento de ambos como seres individuais que são. (MEDEIROS, 2008, p.14).

Nesse fragmento, Martha diferencia casamento aberto de vulgaridade, independentemente de haver monogamia ou não. Dois polos, que muito caracterizam não só esse relacionamento, mas que atinge diretamente na visão de mulher construída nessa concepção tradicional e inovadora. Entram em questão diversas opiniões divergentes sobre esses modelos, um casal que é monogâmico não quer dizer que haja sempre “exclusividade”, havendo “traição” entre eles, ou não.

Em compensação o que é visto como sendo “marginalizado” e “promíscuo” por ter um relacionamento de poligamia, como é o tipo de casamento abordado, não significa que é “vulgar”, e que muitas vezes nesse estilo de vida mais liberal, há muito mais “respeito” e “cumplicidade”, do que casais que dizem ser monogâmicos. E assim, a mulher se posiciona de acordo com o modo de relação que escolheu, e recebe comentários positivos e negativos, de acordo com a ideologia do interlocutor em questão.

Uma demonstração de amor, do casamento defendido na narrativa, é quando o casal se “ama de verdade”, eles são pessoas que procuram uma “evolução” mental, corporal, intelectual, sexual e afetiva ao longo do tempo, e quebram todo e qualquer paradigma e preconceito existente a seu



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

respeito, e conseguem assim ter “sucesso” em suas relações conjugais, havendo amor, felicidade, liberdade, reciprocidade.

Quando a crônica nos traz “e não para a torcida”, o emprego da palavra: torcida, nos remete ao Esporte, cujo leitor fica em dúvida, de quem é essa torcida, pode ser a família, amigos, ou melhor, a sociedade que impõe e vai contra essa concepção atual, na qual é ironizada por Martha. Por fim, o quinto momento, com uma característica predominante nesse gênero, temos no final, a reflexão. Portanto, concluindo o texto literário, se apresenta a reflexão para os leitores, no trecho abaixo:

Enquanto não renovarmos nossa ideia de romantismo, continuaremos a bagunçar aquilo que foi feito apenas para dar prazer: duas pessoas vivendo juntas (MEDEIROS, 2008, p.14).

Nessa reflexão da autora, ela faz uma referência explícita aos ideais do Romantismo, vigente no século XIX, que era conservador, e as mulheres viviam em uma eterna “idealização amorosa”. E como na contemporaneidade, elas devem “rever” seus conceitos, almejar e projetar o melhor para suas vidas. Logo, ela defende o casamento aberto, mas sem se desprender completamente de um tom de romantismo.

Considerações finais

Este artigo analítico procurou desconstruir que o Casamento aberto é apenas mais uma classificação, que já é posto em prática, e a crônica defende como encantador, só que acreditamos que independente do casamento ou nomenclatura adotada, a mulher deve ter a “opção” de ser como ela quer com seu parceiro, e não ser rotulada pejorativamente de “fácil,” “puta”, “errada”, etc.; e sim de uma mulher que é livre e responsável pelas suas escolhas.

Assim, como os homens que também já têm os seus valores morais e sociais, mais bem definidos e consolidados na sociedade, e que ambos os gêneros devem buscar a felicidade.

Referências



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo: subsídios para a sua história.** 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.p.376.

FIGUEIRA, Emílio. **Relações Interpessoais e Mudanças de Comportamento.** (2008). Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=887>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.

GÊNESIS. **Bíblia Sagrada - Edição Pastoral.** São Paulo: Editora Paulus, 1991.p.16.

MEDEIROS, Martha. **Doidas e Santas.** 38ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014. 232 p.

MITTERRAND, Danielle. **Carta aberta de Danielle Mitterrand, sobre a amante do marido.** Certas cartas. Disponível em: <http://www.artefatocultural.com.br/portal/index.php?secao=materia_completa&subsecao=17&id_noticia=103>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

SÁ, Almir Morais de. NA TRILHA DE FOUCAULT: a análise do discurso, a genealogia e a história. In: LUCENA, Ivone Tavares de. ; DOS SANTOS, Antonio Genário Pinheiro. ; LOPES, Paulo Aldemir Delfino. (Orgs.). **Análise do discurso: das práticas discursivas a mobilidades dos dizeres.** João Pessoa: Ideia, 2011. p.17.